

Revue Britannique, fonte inconfessada da Revista Nacional e Estrangeira

Profa Dra Maria Eulália Ramicelli¹ (UFSM)

RESUMO: Na “Introdução” à *Revista Nacional e Estrangeira*, seus fundadores (homens de letras do Rio de Janeiro) declararam que pautariam essa publicação pela conhecida *Revue Britannique*. Contudo, tal afirmação aponta apenas superficialmente para o extensivo uso que fizeram dessa revista parisiense. Nesse sentido, a partir da consideração sobre o contexto de fundação de ambas as revistas e da análise dos dois primeiros números da *Revista Nacional e Estrangeira* (maio e junho de 1839), pretendo levantar algumas questões importantes que deverão nortear meu estudo da relação estabelecida entre esses dois periódicos.

Palavras-chave: periódicos oitocentistas, tradução cultural, Brasil, França, Grã-Bretanha

Introdução

Em maio de 1839, João Manuel Pereira da Silva¹, Josino do Nascimento Silva² e Pedro d’Alcântara Bellegarde³ lançaram a *Revista Nacional e Estrangeira*, que duraria

¹ Nasceu em Iguaçu em 1817 e faleceu no Rio de Janeiro em 1898. Estudou Direito em Paris, onde juntou-se a Domingos José Gonçalves de Magalhães, Francisco de Sales Torres Homem e Manuel José de Araújo Porto Alegre, fundadores da *Niterói* (1836), revista cujo segundo número traz publicado seu artigo “Estudos sobre a literatura”. De volta ao Brasil, atuou como advogado e político de linha conservadora; elegeu-se para a Câmara dos Deputados, presidiu a Província do Rio de Janeiro e foi escolhido para senador. Exerceu cargos burocráticos como os de fiscal do Banco do Brasil, consultor do Ministério do Império e advogado do Conselho de Estado. Ao longo de sua ampla participação na imprensa periódica da época, foi redator do *Jornal do Comércio*, do *Jornal dos Debates* e da *Revista Popular*. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Paris e membro-fundador da Academia Brasileira de Letras. Também pertenceu à diretoria e foi subscritor da Associação Biblioteca Fluminense. Foi um dos precursores da história da literatura brasileira com “Uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira”, texto que abre o *Parnaso Brasileiro* (1843). Foi o mais prolífico dentre os homens de letras que atuaram na fase inicial da ficção brasileira. Escreveu várias obras de cunho histórico sobre o Brasil. Engajado no movimento pela regularização da profissão do escritor literário, integrou a comissão fundadora da Associação dos Homens de Letras do Brasil, em 1883.

² Nasceu em Campos em 1811 e faleceu em 1886. Estudou Direito na Faculdade de São Paulo. Exerceu vários cargos na área da magistratura; foi presidente das províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo, deputado provincial e geral, integrante do conselho do imperador, tendo recebido o título de Comendador da Ordem de Cristo. Foi membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de subscritor da Associação Biblioteca Fluminense. Foi dono da Tipografia Comercial (primeiramente denominada Tip. Comercial de Silva & Irmão), na qual se imprimiram periódicos como *O Cronista* e o *Gabinete de Leitura*. Exerceu o cargo de redator do *Diário do Rio de Janeiro* e do *Jornal do Comércio*.

até dezembro de 1840. Essa revista político-literária constituía mais um empreendimento desses homens de letras, membros da elite político-burocrática brasileira, com ativa participação em diversas áreas e na imprensa periódica da corte, tanto como tradutores como escritores de textos próprios, incluindo neste rol os primeiros passos na produção de ficção no Brasil. Conforme anunciado na “Introdução”, Pereira da Silva, Nascimento Silva e Bellegarde propunham, com a *Revista Nacional e Estrangeira*, “dar outra direção à imprensa” periódica brasileira a fim de torná-la mais reflexiva e menos panfletária. Para tanto, indicavam quais seriam suas fontes principais:

Por não confiarmos em nossas acanhadas luzes, reconhecedores da própria insuficiência, recorreremos antes aos escritos alheios do que aos nossos, modelando esta publicação pela Revista Britânica. A maior parte dos literatos brasileiros conhecem [sic] esta coleção de artigos sobre ciências e artes e esse conhecimento forra-nos ao trabalho de elogiá-la. Assinantes de grande número de periódicos, tanto ingleses como franceses, publicados com o título de *Revista*, estamos ao alcance de satisfazer os desejos de nossos leitores, traduzindo e publicando o melhor que deles pudermos colher. Igualmente havemos amigos, cujos talentos respeitamos, que nos prometem ajudar na empresa que intentamos, enriquecendo nossa coleção com artigos seus e sobre objetos peculiares do Brasil. Assim, estamos certos que [sic] não será baldada a leitura da REVISTA NACIONAL E ESTRANGEIRA.

Tratava-se, assim, de uma revista produzida por e para membros da elite político-cultural da corte, que viam no acanhamento intelectual do meio brasileiro justificada razão para a apropriação de material publicado em revistas oriundas da Grã-Bretanha e da França.

Naqueles últimos anos do conturbado período regencial, em que a unidade político-geográfica do Brasil esteve continuamente em risco, esses homens de letras consideravam fundamental que se desse o devido valor à discussão aprofundada de idéias e de questões de importância para o contexto brasileiro. Maio de 1839 é um momento de crise dentro desse período de difícil consolidação do regime nacional de poder devido à queda de mais um ministério (o do conservador Pedro de Araújo Lima, do qual Josino do Nascimento Silva fizera parte) em meio a sérias dificuldades financeiras e militares do governo central em sua tentativa de debelar a Revolução Farroupilha, assunto de artigos do preocupado Josino do Nascimento Silva na *Revista Nacional e Estrangeira*. Nesse sentido, os fundadores dessa revista colocavam-se o desafio de encorajar o debate fundamentado de idéias na imprensa periódica como forma de contribuir para tomadas de decisão mais informadas sobre as diretrizes organizacionais do Estado brasileiro. Ao pretenderem inovar na imprensa periódica brasileira, Pereira da Silva, Nascimento Silva e Bellegarde tomaram por modelo a parisiense *Revue Britannique*, que era formada principalmente por tradução de textos ficcionais e não-ficcionais retirados sobretudo de revistas britânicas. Porém, não revelaram que essa revista parisiense foi, mais do que um

³ Nasceu em águas brasileiras em 1807, uma vez que seus pais acompanhavam a família real portuguesa ao Brasil, e faleceu no Rio de Janeiro em 1864. Militar, formado em matemática, entrou para o exército sob a proteção de D. Pedro I. Também foi eleito deputado para a Assembléia Geral em 1863, mas não tomou posse. Colaborou para a *Minerva Brasiliense*.

modelo de revista político-literária, a fonte direta de grande parte dos textos ficcionais e não-ficcionais que integram a *Revista Nacional e Estrangeira*. Trata-se de um fato que talvez não fosse perceptível para o leitor da época, pois a maior parte da *Revista Nacional e Estrangeira* traz como indicação de fonte os títulos de revistas britânicas tal como indicados na *Revue Britannique*. Com efeito, já foi possível constatar que há pelo menos um texto da *Revue Britannique* em cada número da *Revista Nacional e Estrangeira* e há números desta (março, junho e julho de 1840) que consistem basicamente em tradução de textos selecionados daquela revista francesa. Considerando-se os textos já identificados como oriundos da *Revue Britannique*, é possível concluir que os fundadores-diretores da *Revista Nacional e Estrangeira* conheciam aquela revista a fundo, pois traduziram textos nela publicados em datas diversas para integrarem os números da *Revista Nacional e Estrangeira*, de acordo com assuntos que interessavam ser discutidos em relação ao contexto brasileiro. Conforme apresentarei em maior detalhe na sequência, a análise dos dois primeiros números da *Revista Nacional e Estrangeira* (maio e junho de 1839) indica que cada número teria por tema uma questão específica, que é abordada, mais ou menos diretamente, em textos ficcionais e não-ficcionais, tanto de origem estrangeira como de autoria brasileira.

1. A *Revue Britannique*

A *Revue Britannique* foi uma revista político-literária de cunho liberal fundada por Louis-Sébastien Saulnier, Jean-Michel Berton e Prosper Dondey-Dupré em junho de 1825, com duração até 1901, que parece ter logo conquistado o público francês, visto ter havido pelo menos três edições dos números de 1825 a fim de contentar as novas levas de assinantes. Por mais de uma vez, a direção editorial mencionou a escocesa e reformadora *Edinburgh Review* como paradigma para a *Revue Britannique*, a qual refletia o complexo posicionamento de seus idealizadores frente à Grã-Bretanha, segundo as circunstâncias da própria França. Assim, com a volta dos Bourbons ao trono e, mais especificamente, com o governo ultramonarquista de Carlos X, iniciado em 1824, os partidários do liberalismo mantinham-se alertas em prol da monarquia constitucional. Nesse contexto, a considerável estabilidade e o avanço político-econômicos da Grã-Bretanha chamavam a atenção dos defensores do regime representativo e constitucional, conquista recente - e ainda não definitivamente assegurada - da burguesia francesa. Por conseguinte, à direção da *Revue Britannique* interessava perscrutar, de modo amplo, os diversos âmbitos do modo de vida e das realizações britânicas para comparativamente tirar proveito para o seu próprio país. Deve-se considerar, nesse sentido, que a *Revue Britannique*, tal como outras revistas francesas coevas que também retiravam seu conteúdo de revistas britânicas, integrava um processo sócio-cultural chamado “anglomania”, vigente na França desde o século XVIII, e pelo qual os franceses (a começar pelos intelectuais) voltavam-se deliberadamente para a progressista Inglaterra, motivados pelas condições sócio-político-econômicas desfavoráveis de seu país, variáveis segundo o momento vivido (JONES, 1939: 1-11, 79-90; PALLARES-BURKE, 1995: 27-48). Assim, a *Revue Britannique* traz a tradução livre de textos britânicos que apresentam crítica e reflexão de cunho sócio-político-econômico-cultural; novidades e descobertas científicas e industriais; entretenimento na forma de ficção, além de notícias sobre terras longínquas exploradas por viajantes britânicos, imbuídos de espírito de aventura e empreendimento comercial.

Textos que eram majoritariamente retirados de revistas britânicas, as quais Léon Galibert (substituto de Louis-Sébastien Saulnier na direção da *Revue Britannique*) considerava serem “(...) *un réservoir commun; foyer général des documents et des idées qui ont changé le monde ou qui le changeront. Que l'on ne s'étonne donc pas de leur influence, et de celle dont la REVUE BRITANNIQUE s'est entourée: Savoir, c'est pouvoir.*”⁴ (Encarte da *Revue Britannique*, 1835: viii. Grifo no original).

Existiu, porém, outra forte razão para a criação da *Revue Britannique*: quando de sua fundação, havia exatos dez anos que um importante confronto bélico ocorrera em meio à histórica rivalidade entre França e Inglaterra pela hegemonia no plano internacional (hegemonia sobretudo comercial para a Inglaterra, político-militar para a França, cultural para ambas), resultando na desagregação do vasto império obtido sob Napoleão Bonaparte. Como Kathleen Jones (*Ibidem*: 17) destaca sobre Saulnier, ao tratar da personalidade cosmopolita e dos laços culturais desse primeiro editor da *Revue Britannique* com a Inglaterra, “(...) *la défaite de Napoléon avait été une rude leçon qui lui révèle la supériorité de la civilisation anglaise de l'époque.*”⁵ Havia, então, um profundo ressentimento do lado francês, quanto à inegável supremacia britânica, que também encontrou expressão na *Revue Britannique* através, a meu ver, do tratamento crítico dos assuntos e interesses britânicos registrados nos textos, cuja tradução atendia ao objetivo, reiterado pela direção editorial, de apreender os reconhecidos avanços da Grã-Bretanha nas diversas áreas do saber. Nota-se, nessa complexa relação estabelecida entre a *Revue Britannique* e as revistas britânicas, uma recorrente atitude crítica da parte dos intelectuais franceses para com o contexto britânico de modo a valorizar o lado francês, defendendo-o das opiniões britânicas desfavoráveis, e a propagar o seu ponto de vista como o meio de acesso à produção intelectual de maior relevância para a época, não apenas para seus compatriotas como também para os leitores europeus em geral. Na observação de Diana Cooper-Richet (2002: 377), havia em especial dois assuntos que mais provocavam a atitude defensiva dos editores e colaboradores da *Revue Britannique*: a política estrangeira britânica e a opinião britânica sobre os franceses.

Para melhor compreender o papel mediador assumido pela *Revue Britannique* na difusão de idéias, de produtos culturais e do desenvolvimento britânico nas diferentes áreas do saber, cumpre destacar as bases do projeto editorial dessa revista conforme enunciado em textos editoriais ao longo de sua publicação. Um desses textos consiste na apresentação do primeiro índice decenal da *Revue Britannique*, ao final de 1835. Encontra-se aí declarado o caráter enciclopédico de que a *Revue Britannique*, como outras revistas oitocentistas, era investida, uma vez que seu objetivo seria o de constituir uma compilação de textos sobre as mais diversas áreas de modo que o leitor poderia nela pesquisar assuntos vários de seu interesse. Ao longo da argumentação, explica-se que o não atendimento ao pedido de assinantes de que houvesse um índice anual devia-se ao planejamento editorial que previa a publicação (em prazo mais amplo) de artigos que se relacionavam entre si pelo assunto, o que possibilitaria a abordagem mais aprofundada do mesmo, uma vez que ele seria apresentado e discutido segundo diferentes pontos de vista.

⁴ “(...) um reservatório comum; um abrigo geral de documentos e idéias que mudaram ou mudarão o mundo. Que não nos surpreendamos, portanto, com sua influência nem com aquela que envolve a REVUE BRITANNIQUE: **Saber é poder.**”

⁵ “(...) a derrota de Napoleão havia sido uma dura lição que lhe revelara a superioridade da civilização inglesa da época.”

Outro texto editorial (agora em memória a Saulnier e igualmente presente nesse volume que traz esse primeiro índice decenal da *Revue Britannique*) informa, em tom auto-congratatório, sobre a circulação dessa revista para além das fronteiras francesas, visto afirmar que a *Revue Britannique* transmitia a outros povos “*les trésors de l’Angleterre moderne (...) au moyen de la langue française, idiôme universel des hommes éclairés*”⁶ (p.ii). Na sequência, encontra-se reproduzido o discurso de Léon Galibert no funeral de Saulnier, no qual Galibert declara que a *Revue Britannique* havia sido fundada com a função de promover a paz e a união entre os povos europeus após um longo período de 30 anos de guerras. Galibert segue afirmando que em 1825 a França ainda se encontrava na posição de inimiga dos outros povos, mas reconhecia que as conquistas realmente importantes se davam no campo da ciência, das artes e da indústria. Obviamente, defende-se aqui um papel pretensamente diplomático para uma revista produzida numa França ainda abalada pelas consequências da derrocada do império napoleônico. De qualquer modo, Galibert não explicita a real motivação da fundação da *Revue Britannique*, passível de ser percebida em seu discurso. Com efeito, considerando-se que a *Revue Britannique* constituía um meio difusor do ponto de vista francês altamente crítico dos feitos britânicos, num contexto em que a Grã-Bretanha havia se consolidado como potência européia a um alto custo para a França, depreende-se que aqueles liberais franceses que a idealizaram viram na revista (importante veículo de cultura letrada no século XIX) uma arma poderosa e influente para fazerem frente à Grã-Bretanha no campo do embate ideológico.

2. A *Revue Britannique* na *Revista Nacional e Estrangeira*

A presença da *Revue Britannique* no Brasil oitocentista e a sua apropriação por homens de letras do Rio de Janeiro para a elaboração da *Revista Nacional e Estrangeira* atestam o raio de alcance dessa revista parisiense para além dos limites europeus. Sabe-se que no Brasil do século XIX a importação de produtos industriais e culturais, tanto franceses como britânicos, tinha estatuto civilizatório e inovador justamente por se tratar de produção vinda daqueles dois países líderes na própria Europa. Assim, é comum encontrar em periódicos fluminenses oitocentistas a declaração entusiástica de que boa parte de seu conteúdo adivinha de revistas européias, principalmente francesas e britânicas. Há indícios, porém, de que boa parte da produção cultural britânica que entrou no Brasil via periódico teria passado por intermediação francesa, com preponderância da *Revue Britannique* nesse processo, no que tange à primeira metade do século XIX. De fato, Hélio Lopes (1978) indica haver artigos da *Revue Britannique* na *Minerva Brasiliense* e pessoalmente localizei ficção britânica traduzida para o português, a partir dessa revista francesa, e publicada em vários periódicos fluminenses das décadas de 1830 e 1840 (RAMICELLI, 2004).

Conforme já indicado, os fundadores da *Revista Nacional e Estrangeira* tomaram a *Revue Britannique* como parâmetro para a produção de uma revista com a qual pretendiam inovar e aprimorar a imprensa periódica da corte através do incentivo à discussão mais aprofundada naquele período crítico para a consolidação da unidade e

⁶ “os tesouros da moderna Inglaterra (...) através da língua francesa, idioma universal dos homens esclarecidos”

soberania nacionais. Tratar, porém, da relação estabelecida entre a *Revue Britannique* e a *Revista Nacional e Estrangeira* implica considerar a constituição de uma linhagem de revistas que, dentro das especificidades dos contextos britânico, francês e brasileiro, se propuseram a valorizar o debate de idéias. Como menciono acima, a direção editorial da *Revue Britannique* apontou o estatuto modelar da renomada *Edinburgh Review* (1802-1929), revista escocesa de cunho reformador e com grande capacidade de influência por trazer crítica elaborada de obras contemporâneas. Segundo Walter Graham (1930: 227-255) e George Pottinger (1992), os fundadores da *Edinburgh Review* tratavam abertamente de política e inovaram em duas frentes quanto a esse tipo de periódico voltado à resenha de livros: priorizaram obras cujo assunto fosse de interesse para o momento e produziram textos críticos que traziam, na sua maior parte, a opinião bem desenvolvida do resenhista sobre o assunto em questão, de modo que o livro em si era diretamente abordado apenas ao final da resenha. Esse procedimento, que divergia do costume da época de apresentar basicamente um resumo dos livros, visava proporcionar ao leitor o contato com opiniões diversas sobre o mesmo tópico, visto o resenhista da *Edinburg Review* não hesitar em discordar do autor do texto resenhado e, assim, criar polêmica.

Esse princípio iluminista de promover o debate entre opiniões divergentes e, por conseguinte, estimular a construção do conhecimento através da reflexão sobre assuntos que estavam na ordem do dia é comumente enunciado, nos vários prefácios da *Revue Britannique*, como sendo um objetivo importante dessa revista. Prefácios nos quais a direção defendia uma posição imparcial para a *Revue Britannique*, visto nela serem publicados artigos cujos pontos de vista eram conflitantes com os de outros textos previamente lidos em suas páginas ou mesmo com as opiniões de seus diretores e colaboradores. Assim, no "Avertissement" para o ano de 1827 a direção afirma que:

(...) Nous avons puisé, à la fois, dans le **Quarterly Review**, défenseur opiniâtre et passionné des vieilles institutions de l'Angleterre; dans la **Révue d'Edimbourg**, qui voudrait modifier ces institutions et non les détruire; et dans le **Westminster Review** plus hardi dans ses plans de réforme, et qui, avant de rien construire, demande que le sol soit entièrement déblayé. Enfin, nous avons aussi fait des emprunts aux recueils qui se publient sous la protection des institutions républicaines des États-Unis (...) (p.8)⁷

Em nome dessa pretensa imparcialidade da *Revue Britannique*, seu corpo editorial afirma não se responsabilizar sobre as idéias emitidas nos artigos nela publicados, argumento que foi, aliás, igualmente empregado pelos fundadores da *Revista Nacional e Estrangeira*. Trata-se, contudo, de afirmação retórica, uma vez que há sempre um processo de seleção dos artigos para integrar os números de uma revista, segundo o interesse dos editores de abordar determinados assuntos em detrimento de outros. De

⁷ " (...) Nós emprestamos, ao mesmo tempo, da *Quarterly Review*, defensora tenaz e ávida das antigas instituições da Inglaterra; da *Revista de Edimburgo*, que desejaria modificar essas instituições e não as destruir; e da *Westminster Review*, mais ousada nos seus planos de reforma e que, antes de construir qualquer coisa, pede que o solo seja completamente desobstruído. Enfim, nós também fizemos empréstimos das miscelâneas que se publicam sob a proteção das instituições republicanas dos Estados-Unidos (...)"

fato, o atual estágio de análise da *Revista Nacional e Estrangeira* mostra que os empréstimos feitos da *Revue Britannique* por Pereira da Silva, Nascimento e Silva e Bellegarde passam ao largo de uma posição neutra. Cumpre ainda destacar que o propósito enunciado na “Introdução” da *Revista Nacional e Estrangeira* de “raciocinar sobre os fatos” para se opôr à superficialidade do tratamento de questões momentâneas (tal como vigorava na imprensa periódica brasileira) implicava o emprego de um estilo argumentativo que aqueles homens de letras teriam encontrado na *Revue Britannique*. Com efeito, os artigos traduzidos dessa revista francesa e publicados nos dois primeiros números da *Revista Nacional e Estrangeira* encaminham o assunto central a partir de uma introdução de teor mais geral que permite a associação entre idéias afins e o desenvolvimento progressivo da argumentação crítica. É interessante notar que Josino do Nascimento Silva faz uso desse padrão discursivo em “O ministério de 19 de setembro: sua retirada” (publicado em junho de 1839), no qual há crítica aberta ao ministério de Araújo Lima, recém-desempossado. Trata-se de um texto que, quando relacionado a outros textos seus (ficcionais e não-ficcionais), igualmente publicados na *Revista Nacional e Estrangeira*, permite perceber uma defesa por Nascimento Silva de seu direito à crítica independente mesmo sendo membro da elite político-burocrática que é aí alvo de seus ataques.

A *Revista Nacional e Estrangeira* traz cada texto sob uma rubrica (por exemplo, política, economia, filosofia, ciências naturais) que, no caso dos textos traduzidos do francês, corresponde à seção indicada na *Revue Britannique*. Em seus números, são constantes as seções “Variedades”, que traz ficção, e “Miscelânea”, que se assemelha a uma parte do que constitui a “Miscellanées” da *Revue Britannique* e onde são publicadas notícias diversas sobre movimento comercial, venda de livros no Rio de Janeiro, conhecimentos úteis e curiosidades. Há, então, na *Revista Nacional e Estrangeira*, uma variedade de gêneros discursivos, sendo possível perceber que a maioria dos textos publicados em um mesmo número aborda, mais ou menos diretamente, um mesmo assunto. Assim, o número inaugural de maio de 1839 defende a dedicação sincera e desinteressada do homem político ao seu país. Essa questão é tratada já na “Introdução”, sendo em seguida discutida em “O Brasil em 1839” (seção “Política”) e tematizada na narrativa “A vida do deputado”, ambos da autoria de Josino do Nascimento Silva. Também constitui um dos argumentos apresentados em “Da popularidade dos antigos e dos modernos” (seção “Filosofia”), texto que traz a indicação de *Godwin’s Essays*⁸ como fonte, embora tenha sido traduzido do número de dezembro de 1831 da *Revue Britannique*. No que diz respeito aos demais textos que integram esse primeiro número da *Revista Nacional e Estrangeira*, e que não apresentam relação direta com aquele tema central, há um outro artigo traduzido do número de agosto de 1831 da *Revue Britannique*, na seção “Economia Política”, intitulado “Dos diferentes sistemas de colonização, suas causas e seus resultados” (fonte original: *Oxford Prize-Essays*). O interesse na leitura

⁸ Esse título parece ser de livro, embora seja possível que não haja uma obra assim intitulada, pois já verifiquei ter havido indicações de fonte criadas pelos colaboradores da *Revue Britannique*. De qualquer forma, o texto em questão deve ser da autoria do escritor e publicista inglês William Godwin (1756-1836), que era considerado revolucionário por sua defesa de um sistema anárquico que possibilitaria a felicidade humana (através da racionalidade) sem as restrições necessariamente impostas pela lei, pelo governo, pela propriedade, pela iniquidade e pelo casamento. Godwin publicou um tratado intitulado *Enquiry Concerning Political Justice* (1793) e o romance *Things as They Are or, the Adventures of Caleb Williams* (1794). (SANDERS, 2000: 338).

desse artigo por brasileiros é evidente, uma vez que o autor inglês – falando do ponto de vista do colonizador – defende a aplicação de um método de colonização que limite a fase de expoliação das riquezas da colônia a fim de possibilitar um contato mais prolongado e amigável entre metrópole e colônia de modo a permitir maiores ganhos materiais para o povo colonizador (através de transações comerciais) quando da inevitável emancipação da colônia. O dado curioso do processo de inserção desse texto na *Revista Nacional e Estrangeira* consiste na exclusão, pelo tradutor brasileiro, de notas de rodapé do tradutor francês: uma nota na qual, diante das críticas do autor inglês ao método de colonização dos ingleses, franceses, espanhóis e portugueses, o tradutor da *Revue Britannique* defende recentes medidas governamentais francesas quanto à colonização da Argélia; outra em que o tradutor francês comenta sobre as consequências econômicas inicialmente negativas para a Inglaterra quando da emancipação dos Estados Unidos. Considerando-se que o restante do texto da tradução brasileira segue a tradução francesa e que é nas notas de rodapé que o tradutor da *Revue Britannique* emite sua atitude crítica quanto às idéias do autor inglês, parece-me que os diretores e colaboradores da *Revista Nacional e Estrangeira* não estariam tão interessados nas discordâncias entre ingleses e franceses, mas sim na informação e no tipo de reflexão que esses textos poderiam trazer para o leitor brasileiro.

Essa eliminação de críticas apenas pelo tradutor da *Revue Britannique* também ocorreu no processo tradutório do artigo “Eleições em França e Inglaterra, sua influência e seus resultados” (fonte original: *Foreign and Quarterly Review*), que abre o número de junho de 1839 da *Revista Nacional e Estrangeira*. Trata-se de um texto que apresenta aproximação com o assunto principal desse número, a saber, a defesa de um governo central monárquico e a desilusão desses homens de letras com a situação da política brasileira. De fato, nesse artigo o autor inglês discute as instâncias democráticas inglesas e francesas e acaba por concluir que a menor estabilidade política da França, por comparação à da Inglaterra, deve-se ao peso da maior participação popular (que ele qualifica como sendo guiada por ignorância política) nas províncias que se colocam em oposição ao governo central francês. Ora, o leitor fluminense da *Revista Nacional e Estrangeira* teria rapidamente estabelecido um paralelo – ainda que guardadas as devidas proporções – entre a situação francesa e a brasileira, devido às profundas dissonâncias de interesse entre províncias e governo central naquele período regencial marcado por revoltas regionais, algumas com forte participação popular em defesa da autonomia política e econômica da província. Cumpre destacar, porém, que o tradutor brasileiro excluiu a nota de rodapé em que o tradutor da *Revue Britannique* critica o ponto de vista histórico com que o sistema eleitoral francês é aí tratado ao passo que manteve a nota em que o tradutor francês comenta sobre as melhorias conduzidas pelos governos francês, britânico, belga e holandês na situação interna de seus países, como resposta às revoltas populares dos anos 1830. Percebe-se, então, que a tradução desse artigo, a partir da *Revue Britannique*, atendia a uma preocupação daqueles homens de letras com a instabilidade política do Brasil advinda do jogo de forças entre o governo central e os poderes locais das províncias, especialmente diante do último acontecimento: a renúncia do ministério centralizador liderado pelo conservador Araújo Lima. Ministério que, segundo Josino Nascimento Silva em “O ministério de 19 de setembro: sua retirada” (texto publicado nesse número de junho), havia sido instaurado com grande apoio “do povo”, muito embora Nascimento Silva relacione, por uma torção ideológica, o povo ao corpo

legislativo quando este não era de fato representativo dos brasileiros dada sua formação ideológica específica (obtida em determinados centros de ensino universitário, primeiramente em Portugal e, depois, no Brasil) e seu treinamento burocrático, no exercício de cargos oficiais e na disputa por assentos de deputados como meios de ascensão na carreira política, conforme José Murilo de Carvalho analisa em *A construção da ordem* (2006). Para completar o posicionamento da *Revista Nacional e Estrangeira* nesse contexto político, Josino do Nascimento Silva expressa em “O ministério de 19 de setembro: sua retirada” sua profunda desilusão com o fracasso do ministério do qual ele era partidário e havia participado. Desilusão que perpassa todo esse número da *Revista Nacional e Estrangeira*, pois também é tema dos textos literários aí publicados: poemas (“A Inconstância”, de Firmino Rodrigues da Silva e “A ilusão”, de autoria desconhecida), que exprimem o desconcerto da persona poética frente à profunda instabilidade do mundo, e a narrativa “A véspera da queda de um ministro de estado” (possivelmente de Nascimento Silva), em que é apresentada a atitude interesseira, hipócrita e chantagista do barão D. (ministro que deve perder o cargo na tentativa de permanência do ministério no poder) para manter seus privilégios pessoais.

Conclusão

A partir dessa consideração inicial sobre a apropriação da *Revue Britannique* pelos mentores da *Revista Nacional e Estrangeira*, compreende-se que ambas as revistas foram periódicos elaborados principalmente a partir de matéria estrangeira com o fim último de tratar de seu próprio contexto de produção. No caso da *Revue Britannique*, seus fundadores, diretores e colaboradores (ou seja, tradutores dos textos britânicos) estavam interessados em divulgar um determinado ponto de vista crítico da produção britânica. Conseqüentemente, os europeus ficariam a par das realizações britânicas através do crivo francês e os próprios franceses se sentiriam fortalecidos com a constante valorização e/ou defesa de sua posição frente aos britânicos. No caso da *Revista Nacional e Estrangeira*, seus fundadores-diretores-colaboradores teriam considerado a informação e a reflexão trazidas pelos textos extraídos da *Revue Britannique* (enquanto contribuição para o desenvolvimento de reflexão sobre e no contexto brasileiro) mais relevantes do que a ênfase na atitude defensiva dos franceses, a qual explicitava a rivalidade entre aquelas duas nações européias e buscava cooptar a opinião internacional para o lado francês. Resta, é verdade, relacionar esses artigos aos demais publicados nos números seguintes da *Revista Nacional e Estrangeira* e à ficção que foi igualmente traduzida da *Revue Britannique* para essa revista fluminense a fim de verificar, com maior acuidade, a função adquirida pela *Revue Britannique* para nossos homens de letras. Cumpre, no entanto, já perguntar-se até que ponto aqueles brasileiros letrados teriam sido, eles mesmos, cooptados pela opinião crítica da *Revue Britannique* sobre os ingleses, apesar de terem excluído, para os leitores da *Revista Nacional e Estrangeira*, notas de rodapé que explicitavam o ponto de vista francês. Haveria ainda outra questão importante, relacionada à anterior, quanto à atitude dos homens de letras brasileiros com relação a esse posicionamento da *Revue Britannique* frente à Grã-Bretanha: para além do maior conhecimento da língua francesa (quando comparado ao da inglesa) por nossos letrados, a escolha da *Revue Britannique*, como mediadora de idéias e de ficção britânicas, teria tido relação com a crescente insatisfação brasileira com a ingerência inglesa nos assuntos

internos, sendo um ponto importante dessa discordância a pressão inglesa para o fim da escravidão? Trata-se de perguntas abertas à investigação que deverão auxiliar na compreensão tanto da presença da *Revue Britannique* no meio intelectual brasileiro como da conseqüente complexidade do trânsito de matéria cultural britânica no Brasil oitocentista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLAKE, Augusto V.A. Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 7 vols.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial* In: *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p.11-246.
- COOPER-RICHET, Diana. *Revue anglaises, revues françaises: des formes multiples d'échange* In: PLUET-DESPATIN, Jacqueline; LEYMARIE, Michel; MOLLIER, Jean-Yves (dir). *La Belle Époque des revues: 1880-1914*. Paris: Éditions de L'Imec, 2002. p.361-379.
- GRAHAM, Walter. *English Literary Periodicals*. New York: Thomas Nelson & sons, 1930.
- JONES, Kathleen. *La Revue Britannique, son histoire et son action littéraire (1825-1840)*. Paris: Librairie E.Droz, 1939.
- LOPES, Hélio. *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas **Minerva Brasiliense** (1843-1845) e **Guanabara** (1849-1856)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. *Ano biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1876. Vol.II.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *"The Spectator", o teatro das luzes. Diálogo e imprensa no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- POTTINGER, George. *Heirs of the Enlightenment. Edinburgh Reviewers and Writers, 1800-1830*. Edinburgh: Scottish Academic Press, 1992.
- RAMICELLI, Maria Eulália. *Narrativas itinerantes: aspectos franco-britânicos da ficção brasileira no século XIX*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- Revista Nacional e Estrangeira*. Rio de Janeiro: Typ. de J.E.S.Cabral, 1839-1840.
- Revue Britannique, ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques, de la Grande-Bretagne, sur la littérature, les beaux-arts, les arts industriels, l'agriculture, la géographie, le commerce, l'économie politique, les finances, la législation, etc., etc.* Paris: Dondey-Dupré, 1825-1901.
- SANDERS, Andrew. *The Short Oxford History of English Literature*. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- SOUSA, J.Galante de. *O teatro no Brasil. Subsídios para uma bibliografia do teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: INL; MEC, 1960. Tomo II.

¹ Maria Eulália RAMICELLI, Profa Dra
(UFSM, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas)
meulalia@uol.com.br